

**INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA COM MULHERES ENCARCEIRADAS:
ATUAÇÃO DO PATRONATO MUNICIPAL DE PITANGA EM PROL DA
PREPARAÇÃO PARA O RETORNO AO CONVÍVIO SOCIAL E
CUMPRIMENTO DA PENA EM REGIME ABERTO**

Direitos Humanos e Justiça

Coordenador da atividade: Paulo Roberto SÉKULA¹

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Autores: Fernanda Soares PEREIRA²; Jessica Aparecida dos Santos BERARDI³;

Débora Rickli FIUZA⁴

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar à comunidade acadêmica e extensionista a expansão da atuação da psicologia no Programa Patronato – Incubadora de Direitos Sociais – SESP/SETI-UFS) que atua no acompanhamento e fiscalização de alternativas penais no regime aberto, desenvolvido pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO na Comarca de Pitanga. Além dos atendimentos já previstos na cartilha do programa, a equipe vem realizando ações com mulheres que cumprem pena no regime fechado. Sabe-se que, o sistema penitenciário funciona de forma progressiva, o sujeito passa de um sistema de cumprimento da pena para o outro a fim de prepará-lo para o retorno ao convívio social, sendo estes, regime fechado, semi-aberto e aberto. A equipe compreende que o foco do Projeto Patronato está no regime aberto, porém, entende também, que a forma como o sujeito vive o cárcere irá interferir no cumprimento do restante da pena em regime aberto. Tendo em vista que esses sujeitos que chegam ao projeto e que cumpriram pena no fechado foram completamente modificados pela cultura carcerária, desconstruídos e adaptados a um novo estilo de vida, com regras rígidas e fiscalização diária, ainda, especificamente, as mulheres, que possuem seus corpos complexos com diferentes ciclos hormonais, submetidas a uma padronização e sistema rigoroso de estilo de vida, há necessidade de um cuidado, um olhar durante todo o processo, um ponto de referência que represente esperança para conseguir terminar toda a pena. Desta forma, o Patronato vem ampliando sua atuação, criando um ambiente de escuta

1 Paulo Roberto Sékula. Graduado em Administração de Empresas com habilitação em comércio – Faculdades Campo Real (2005) e mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2011). Atualmente é professor colaborador da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

2 Fernanda Soares Pereira. Graduada em psicologia, mestranda em educação, psicóloga no Patronato Municipal de Pitanga.

3 Jéssica Aparecida dos Santos Berardi. Acadêmica de psicologia e estagiária no Patronato Municipal de Pitanga.

4 Débora Rickli Fiuza. Graduada em psicologia, mestre em desenvolvimento comunitário. professora na Faculdade Campo Real e orientadora da equipe de psicologia no Patronato Municipal de Pitanga.

e preparação gradual para o retorno ao convívio social, pois entende que, se acompanhadas, a elaboração sobre estas mudanças físicas e psíquicas destas mulheres ocorrerá de maneira mais saudável, beneficiando não só a elas, mas a sociedade, visto que, estarão mais fortes e determinadas a reconstruir suas vidas e não reincidir no mundo do crime.

Palavra-chave: Sistema prisional; mulheres institucionalizadas; escuta ativa.

Introdução

O programa de execução das alternativas penais no município de Pitanga faz parte dos projetos extensionistas da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), é composto por uma equipe multidisciplinar, com profissionais recém formados e estudantes de graduação das seguintes áreas do conhecimento, psicologia, serviço social, direito, administração e pedagogia, que são bolsistas e recebem uma bolsa auxílio para atuação no projeto, a qual é custeado com recursos das Secretarias Estaduais, SESP - Secretaria de Estado da Segurança Pública e Administração Penitenciária do Paraná) e a SETI - Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior).

O projeto tem como função acompanhar e fiscalizar alternativas penais no regime aberto visando, atender sujeitos que cumprem penas de pequeno porte e não houve sentença condenatória em regimento fechado, como também aqueles que foram sentenciados, passaram pela prisão, e progrediram para sistema semi aberto, posteriormente, aberto. A equipe não trabalha apenas no sentido de auxiliar o poder judiciário no cumprimento dos itens impostos em audiência, mas na reinserção desse indivíduo à sociedade, visto que, aqueles que passam pelo cárcere carregam resquícios deste sistema falho e punitivo que corrompe a subjetividade e marca para toda a vida, e mesmo aqueles que não passam pelo sistema fechado, há um estigma, um impacto social, subjetivo, um sofrimento significativo durante este processo de cumprimento de pena que precisa ser cuidado.

A equipe de psicologia realiza atendimentos individualizados no sentido de orientação e atendimento em formato de grupo de apoio, e também discussões interdisciplinares a fim de abranger todas as especificidades e necessidades do assistido. Além disto, o projeto exige também que os bolsistas realizem pesquisas, apresentem em eventos, e estejam constantemente alinhando teoria e prática, exercendo dessa forma, a práxis que é o pilar extensionista. Neste sentido, Campani, Silva e Parente (2016),

ressaltam que a Extensão Universitária possibilita um novo modelo de formação na instituição de ensino superior. Orientada para as questões sociais, a extensão se mostra como uma via de mão dupla, que conecta conhecimentos teóricos, práticos, culturais e cotidianos, que vão além dos muros da universidade, onde se torna possível “multiplicar e disseminar a vida universitária na sua forma única de lidar e operar com o conhecimento científico, a extensão permite e torna possível a inclusão da sociedade no processo reflexivo da universidade” (CAMPANI, SILVA & PARENTE, 2016, p. 42).

Além disto, o Patronato de Pitanga, visando o bem estar social, mantém vínculo constante com a rede municipal, participando de reuniões, executando palestras em diversos setores da comunidade, como por exemplo, centro social, centro da juventude, UBS, etc. Desta forma, em reunião com o Conselho da Comunidade, que corresponde a um setor do fórum e tem função fiscalizadora no Patronato, discutiu-se sobre a necessidade de um trabalho em conjunto de âmbito preventivo entre o regime fechado e aberto. Assim, a equipe de psicologia desenvolveu um projeto de intervenção para ser aplicado na cadeia municipal de Pitanga que está em andamento e será avaliado no fim do ano de 2019, conforme os resultados, se tornará um projeto fixo e aplicado constantemente.

Metodologia

O projeto intitulado "A voz da mulher encarcerada" tem como objetivo geral promover um ambiente de escuta e acolhimento com mulheres que cometeram crimes e estão presas provisoriamente até que seu processo seja julgado, e àquelas já sentenciadas. As intervenções tem como base teórica a psicanálise e são realizadas no formato de grupo, em que mulheres trocaram experiências e desenvolveram atividades sob orientação da psicóloga e estagiária de graduação em psicologia.

Este projeto está sendo pensado e construído desde o começo do ano de 2019 em conjunto com o Conselho da Comunidade e sua equipe técnica e Promotor de Justiça do Município de Pitanga - PR. A execução deste se dá na Cadeia Municipal de Pitanga. O perfil da mulheres atendidas consiste em: 04 mulheres, sendo três já são condenados e uma aguardando a audiência, elas tem 23, 37, 43, 55 de idade e respondem por tráfico e homicídio. Elas recebem atendimento médico, escrevem resenhas para remissão de pena e não há atendimento psicológico.

O projeto acaba de concluir a etapa de visitas e levantamento de demandas que possibilitaram a construção das temáticas a serem trabalhadas. Os encontros acontecerão de forma quinzenal, tendo início em julho. As temáticas terão a seguinte sequência: Acolhimento inicial; Autoconhecimento e auto-estima; Saúde feminina; Construção histórica e subjetiva sobre ser mulher; Formação profissional; Relacionamentos; Família; Crime, processo e Cárcere; Relato de experiências sobre crimes cometidos; Direitos e deveres de todo cidadão; Discussão de gêneros textuais que falem sobre mulher; Reflexão sobre todos os encontros e confraternização.

Já foram realizadas visitas na cadeia municipal de Pitanga a fim de conhecer o contexto e a rotina em que estas mulheres estão inseridas, então as temáticas foram pensadas e elaboradas a fim de contribuir de forma significativa e que esteja condizente com as necessidades destas mulheres. Nestas visitas, ficou evidente a necessidade de um espaço de escuta e de fala destas mulheres que foram silenciadas, primeiro, por uma estrutura social machista e opressora, e segundo, pelo estigma do cárcere, que às menospreza e inferioriza por terem infringido as condutas socialmente aceitas.

Desenvolvimento e processos avaliativos

De acordo com Ribeiro e Deus (2017), o sistema carcerário pode ser entendido como uma ferramenta de adestramento social destinada àqueles indivíduos que apresentam algum comportamento desviante, dado que tem como objetivo torná-los adequados para a convivência em sociedade, no entanto, sem fornecer condições dignas que propiciem tal reabilitação.

Estudos indicam que as populações carcerárias apresentam um histórico de vida marcado por precários vínculos familiares, perda prematura dos pais, baixo nível de sociabilidade e escolarização, além de diversas formas de violência (WRIGHT et al., 2006; TYE; MULLEN, 2006; GUNTER et al., 2008 apud LIMA et al., 2013). No caso de mulheres encarceradas as implicações são ainda mais impactantes, como por exemplo, a grande estigmatização social, altos índices de problemas de saúde e, sobretudo o sofrimento mental.

Além do estigma social que é o antecedente criminal, um indivíduo que cumpriu pena ainda enfrentará uma sociedade que seleciona e segrega as pessoas por suas capacidades e habilidades, forçando-as a se moldar e destituir-se de si para acrescentar características subjetivas que visem beneficiar o desenvolvimento econômico. Por isto, é

preciso constituir espaços em que toda essa pressão social seja problematizada, pensada, para que sejam construídas ferramentas de enfrentamento desta realidade que a espera. Para Lima et al (2013), a escuta de mulheres encarceradas e a observação de seu cotidiano prisional torna-se essencial para entender as formas de vivenciar o cárcere, seus significados e estratégias de enfrentamento.

Desta forma, se faz necessário que a sociedade, poderes públicos, universidades, setores municipais de assistência social, se preocupem com essa demanda, atuando em conjunto, construindo estratégias para auxiliar estas mulheres.

Considerações Finais

A extensão universitária tem como pilar o vínculo indissociável entre teoria e prática, o projeto Patronato tem trabalhado em prol desta práxis à medida que sua atuação se pauta em estudos, problematização da conjuntura social, econômica e cultural e desenvolvimento de ações que visem beneficiar a sociedade.

Visto que essa prática é repensada constantemente, várias demandas surgem em meio ao trabalho com alternativas penais em regime aberto, é sabido que existem órgãos específicos para atender na medida do possível cada demanda. Contudo, uma ação extensionista não deve delimitar-se e fechar os olhos para os problemas sociais, e participar ativamente no que for possível. Pensando nisso, o Patronato Municipal de Pitanga tem desenvolvido palestras e sub-projetos de cunho preventivo, a fim de melhorar o atendimento já oferecido no programa, visto que àqueles que passam pelo sistema fechado irão progredir para o sistema aberto.

Este trabalho com mulheres encarceradas, além da preocupação com a saúde mental e prevenção de reincidências, possibilita aos acadêmicos e profissionais da equipe de psicologia uma maior experiência com o sistema prisional, pois, no contato com o egresso do sistema se ouve sobre as experiências no cárcere, e neste projeto, é possível conhecer a realidade do aprisionamento, vê-la, senti-la com estas mulheres. Trata-se de uma rica experiência para ampliação do conhecimento, como também da formação humana, fazendo da extensão universitária, um locus de formação integral dos bolsistas.

Referências

CAMPANI, A., SILVA, R. M. G., PARENTE, P. M. M. A contribuição da extensão universitária para uma docência inovadora na universidade. In: IV Seminário Internacional

Inclusão em Educação: Universidade e Participação, 2016, Rio de Janeiro, **Anais do IV Seminário Internacional Inclusão em Educação**, 2016, p. 36-45.

LIMA, G. M. B. et al. **Mulheres no cárcere: significados e práticas cotidianas de enfrentamento com ênfase na resiliência**. Saúde debate, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 446-456, Set. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042013000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 Mai 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-11042013000300008>.

RIBEIRO, M. A. T., DEUS, N. M. S. F. **Mulheres encarceradas: a saúde atrás das grades**. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, v. 6, n. 4, p. 324-339, Nov. 2017. Disponível em <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1708/1065>> Acesso em 09 Mai 2019.

SANTOS, M. V. et al. **Fatores de proteção da saúde mental das mulheres encarceradas: estudo descritivo-exploratório**. Online braz j nurs [internet] 2018 Aug [cited year month day]; 16 (4): 471-479. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5538>.